

**EMOÇÕES EM NARRATIVAS DE PESSOAS TRANS E TRAVESTIS
POSSIBILIDADES DE AGÊNCIA¹**

DÉA E. BERTTRAN (Déa Bertran Munhoz)

IFCH – UNICAMP – Campinas, SP

Palavras-chave:

Pessoas trans e travestis;

Narrativas autobiográficas; Emoções.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

1. INTRODUÇÃO

Campo denso, o do estudo de sexualidades divergentes; muitas são as vozes, em conflitos ou consonância, que se debruçam, mundo ocidental, a descrever, interpretar, tentar compreender, intervir, prescrutar, legitimar e conceder direitos aos que não obedecem aos ditames da sociedade normativa.

É a partir de conceitos desenvolvidos por essa literatura, a que busca na pluralidade a possibilidade de se pensar em sociedades inclusivas e diversas, que me debruço, neste trabalho, sobre uma pessoa que, há alguns anos, descobri em um filme e que me levou à emoção por sua narrativa sensível, delicada e tão honesta: Leticia Lanz².

Em fase de pré-campo para a pesquisa em doutorado em andamento, detenho-me sobre sua narrativa, livro autobiográfico lançado em 2021, “A construção de mim mesma. Uma história de transição de gênero”, até mesmo por considerar que retrata a passagem do cenário brasileiro em relação aos costumes e, particularmente, à sexualidade. Leticia nasceu em 1951 e, assim, pode vivenciar a longa abertura para subjetividades diversas alcançada pelo país, embora as anacrônicas e preconceituosas correntes opositoras sempre atuantes.

Por meio de uma leitura interessada e com o intuito de entrelaçar perspectivas teóricas provindas de fontes que acredito complementares, como estudos de gênero, antropologia das emoções, feminismos e estudos trans, pretendo apresentar reflexões preliminares sobre a possibilidade de se identificar, por meio das emoções expressas, agenciamentos provenientes de experiências que não as marcadas pela opressão.

1.1 PÓS-MODERNIDADE: DISSOLUÇÕES E NOVOS DESENHOS

Quando o tema é o das sexualidades divergentes, ou seja, contestam os modelos propostos pelo projeto moderno binário (mulher/homem), necessita-se de espaço para desenhar seus formatos e meandros, a partir de um percurso não linear, de seu desenvolvimento enquanto área e objeto de estudo. No mundo interconectado em que vivemos, sua abrangência alcançou, inclusive, definições de cidadania e nação (MANALANSAN, 2006).

² Referência ao filme “De gravata a unha vermelha”, direção de Miriam Chnaiderman, produção brasileira de 2015, documentário que registra as narrativas de pessoas divergentes de gênero.

Necessária uma recuperação histórica despretensiosa quanto aos desdobramentos teóricos a partir do que muitos consideram como a pedra fundamental das transformações sociais ocidentais, a revolta dos estudantes em maio de 1968, França. O estopim do movimento foi contra a conservadora postura de dividir mulheres e homens em dormitórios separados; porém, em pouco tempo, e estimulados pela luta pela ampliação dos direitos civis, a juventude explode e se faz sentir em todos os espaços sociais.

A partir de então, a cena se abriu para muitos atores, como o movimento pós-colonialista, de caráter estadunidense, a criticar a história colonial e a mostrar suas mazelas, crueldades, dominação, arbítrio, como fez o psiquiatra jamaicano Franz Fanon (2020). Detalhe: ele analisou as consequências psicológicas do colonialismo tanto em suas vítimas quanto em seus algozes.

Cabe ressaltar trabalhos de sociólogos, por meio de teorias críticas à sociedade-Estado, definindo situações em que o humano é exposto a situações deploráveis e vexatórias, como é o caso de Irving Goffman (1975) a dizer sobre o estigma. Especificidade que marca e categoriza dadas eleições em detrimento de outras, e que constrange identidades sociais que a esse formato não aderem, dividindo as relações entre as pessoas que têm pertencimento e as que não o têm.

O terceiro teórico que ressalto, mesma geração dos anteriores, é Michel Foucault (1999), que escrutina o processo de constituição do sujeito moderno. Afirma a soberania do poder, onipresente, para engendrar vidas – todas e todos sujeitas e sujeitos, sujeitadas e sujeitados. O corpo é campo de escrita do poder, pele marcada pelas interdições e falsas normalidades, disciplinado, martirizado, normatizado, cerceado em sua expressão. E assim a sexualidade é constituída por micropoderes agindo sobre corpos definidos em mulheres e homens, concedendo à sexualidade o estreito caminho da procriação como o adequado. Mas Foucault aponta a possibilidade de saída, ao enunciar que o poder, por ser relacional, sempre implicará em resistência.

E o feminismo, enquanto isso, pedia passagem, então concentrado na mulher branca euro-estadunidense, dona de casa excluída do mercado de trabalho, manietada em um viver patriarcal, tomada de consciência que também fez mulheres irem às ruas, capitaneadas por Betty Friedan. Como ilustração do jugo, o sutiã, queimado em praça (DUARTE, 2006).

Anos que propiciam que tudo venha a acontecer, como o movimento negro em resposta à universalização da mulher branca euro-estadunidense, deixando mudas outras vozes. Audre Lorde (2019), poeta, escritora e pensadora, negra e lésbica esclareceu que a

opressão é força exercida que não estabelece hierarquia em sua manifestação. Ela mirou sua crítica na ideia de que mulheres e homens não somente se opunham binariamente; dentro do próprio segmento – mulher -, também existiam diferenças. Como consequências, mulheres negras não se viam representadas por um feminismo que só tinha sua atenção à problemática das brancas pertencentes à classe média. Mas também sobre estudos sobre o gênero, a partir daí, escrutinado pelas teóricas feministas que, com isso, constituíram um campo fundamental de estudo, com a inserção do elemento político e, assim, de poder, sobre a visão do par mulher-homem (PISCITELLI, 2009).

Conceito fundamental foi o de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), em que se estabelece o cruzamento de marcadores sociais que, imbricados, configuram outras leituras às ações humanas. Essa foi uma das contribuições do feminismo negro, que teve sua sistematização pelas mãos de Patricia Hill Collins (2019), socióloga afro-americana que pratica uma das marcas desse feminismo: o de ser fluido, presente em textos que dizem da vida, da experiência, produzidos em primeira pessoa e fáceis de serem apreendidos. Com isso, conferem ao particular a dimensão de dizer do universal, valorizando o diálogo e a ética do cuidar como fundamentais.

Collins e Bilge (2021) desenvolvem a interseccionalidade como ferramenta analítica, associada às opressões que atuam em parceria, como raça, classe e gênero, com o acréscimo de nação e sexualidade, produzidas por uma matriz de dominação que as organiza socialmente. Dessa forma, reconhecem que, enquanto existem opressões genéricas, como a exercida pelo sistema patriarcal, heterossexual e capitalista, as mulheres negras vivem particularidades calcadas em suas próprias e singulares vivências.

1.2 NADA É SÓ UM: É-SE EM CRUZAMENTOS E INFLUENCIAÇÕES

O início dos anos 1980 foi marcado pelo reconhecimento da emergência da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), com mais de 300 mil pessoas no mundo infectadas, configurando-se em epidemia mundial (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024).

A sexualidade, assim, bem como os costumes de forma geral, obteve relevância ímpar e, com ela, estudos sobre a comunidade lesbiana e homossexual, vindos da urgência até mesmo dos conflitos gerados pela destinação do patrimônio dos que morriam.

Os estudos *gays* e *lésbicos*, com data de início ao final da década de 1970, também deflagrado pela entrada de pessoas *gays* e *lésbicas* nas universidades como professores, começaram a produzir conhecimento sobre o tema, juntamente com pesquisas com pontos

em comum, como os estudos de gênero, vindo a constituir campos de saberes legítimos (HOLLANDA, 2019).

Área interdisciplinar, seu foco a princípio foi o de situar histórica e culturalmente gênero e orientação sexual, com o trabalho publicado em 1975 da então jovem Gayle Rubin (2017) promovendo divisão de águas por desenvolver o conceito de sistema sexo-gênero, em que a sexualidade, biológica, vê-se transformada em um produto da atividade humana; é um modo de produção.

Emblema para a erupção de conflito entre policiais de Nova York e frequentadores em 28 de junho de 1969 – e doravante tido como Dia Internacional do Orgulho *Gay* - o bar *Stonewall* marcou espacial e historicamente o que veio a se chamar de movimento LGBT (TORRÃO FILHO, 2000). Em sua esteira, e preocupados em historicizar a homossexualidade, muitos foram as pesquisas sobre a naturalização de somente um modelo, o da heterossexualidade. A partir daí, seu contraponto era o desvio. Também a despatologização de lésbicas e homossexuais e a retirada de seu verbete nos manuais psiquiátricos, bem como o entendimento da construção das sexualidades.

Porém a pauta de defesa das políticas identitárias do movimento LGBT, que culminou em sua legitimação em muitos países ocidentais, inclusive com a possibilidade de casamento e criação de filhos para lésbicas e homossexuais, deixou à margem muitas sexualidades que não se encaixavam no binômio homossexualidade e cisgeneridade, em que o sexo biológico corresponde ao gênero considerado compatível. Mais do que isso, tinham posicionamentos críticos contra a heteronorma, aqui entendida como um molde que condiciona as pessoas a determinadas performances tidas como naturais, mas que são construídas socialmente e impostas subliminarmente.

Em meados de 1990, Teresa de Lauretis (2019), filósofa e feminista italiana, mencionou pela primeira vez a palavra *theory queer*, associando-a às sexualidades *gays* e lésbicas, em que *queer*, palavra de cunho pejorativo para aquele que é esquisito, estranho, vê-se transformada em termo amplo que, hoje, açambarca a diversidade sexual em sua completude. E assim se propõe o *queer*: não eliminar a identidade, mas tirá-la da engessada compreensão de estável e duradoura. Entender seu papel político de contestação, permitindo que sua escuta se dê sem discriminação (SEIDMAN, 1996).

Concentrando-se no ataque ao binarismo mulher-homem e suas consequências, Lauretis (2019) traz o entendimento do gênero enquanto tecnologia do poder, presente nas relações sociais que, por sua vez, são tecidas representativamente em cima de diferenças não só sexuais, como também étnicas, econômicas, entre outras.

O conceito gênero, então, dada sua característica relacional, passa a ser entendido, a partir daí, somente pelo viés pós-estruturalista – não se tratava mais de se analisar a mulher e, sim, a construção das subjetividades em suas interconexões culturais de feminino e de masculino em meio aos laços do poder (MARIANO, 2005).

1.3 ESTUDOS QUE SE AMPLIAM E ALCANÇAM MULTIPLICIDADES

Uma das maiores expoentes do pensamento que esmerilha gênero criticamente enquanto forma essencializada de identidade, entre outros temas, Judith Butler, filósofa estadunidense, tanto foi fundamental para os estudos de *gays* e lésbicas quanto para os *queer*, nascidos poucos anos depois, anos 1990.

“Problemas de gênero” (2003), lançado no início da década nos Estados Unidos, mostra uma pesquisadora ousada que acusa a compulsoriedade do exercício da heterossexualidade. Ela traz à cena aqueles que não se enquadram nas normatizações impostas pelos discursos, os corpos abjetos, indizíveis, marginais à ontologia, ou seja, que estão à parte das classificações concedidas ao ser e ao sentido (BUTLER, 2001).

A teoria *queer* é o carro-chefe dos estudos identitários, como bem define Heloisa Buarque de Hollanda (2019, p. 19) – embora o fato de ser apropriada pela academia já seja algo que fira seu posicionamento de se opor a sistematizações e normatizações talvez imprescindíveis ao mundo das universidades (SANTOS, 2012).

Ao apostar na diferença, e não na política identitária exercida pelos *gays* e lésbicas, teve voz firme na crítica aos construtos binários, sejam de mulher-homem ou homossexual-heterossexual. A diversidade da sexualidade é seu lema – apoiando-se no pós-estruturalismo, desmembra corpos generificados sob a cisnormatividade, aqui entendida como a norma de adequação forçada de sexo e gênero com suas atribuições construídas e performadas socialmente. O gênero é construído por dispositivos de poder, buscando naturalizar o que é dado socialmente – e, conforme denunciado por Adrienne Rich (2012), feminista lésbica, a heterossexualidade é compulsória, ou seja, é opressão em seu estado puro (VERGUEIRO, 2015).

As identidades são múltiplas e mutáveis, interseccionadas com marcadores como raça, classe, idade, classe social, nacionalidade, etnia, orientação sexual; pode ser contestada, pode ser transformada, é aberta às diferenças, a sentidos inovadores, a desorientações que apontem para lugares desconhecidos e, dessa forma, quebrem as normas impostas (SILVA, 2023).

Enquanto pinceladas sobre panorama teórico tão complexo, os estudos trans trouxeram produções de pessoas que desse jeito se reconheciam, a começar pela própria Butler, que hoje faz uso dos pronomes “eles/deles”, assumindo sua não binariedade que atende ao masculino.

Assim foi com Raewyn Connell (2012), socióloga e professora australiana que iniciou seu processo de transformação quando da morte de sua esposa e após sua filha ter terminado o primeiro ciclo de estudos, quando então respondia por “Robert”, inclusive com redesignação sexual; já tinha quase 60 anos. Escritora de temas políticos, com foco nas classes dominantes, bem como sobre desigualdades de gênero, prenúncio do tema que a fez internacionalmente conhecida, o da masculinidade hegemônica (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Tal conceito identifica um tipo de organização social em que a supremacia de homens e a subjugação de mulheres se mantêm por meio de práticas reiteradas ao longo dos anos.

Jack Halberstam (2011), um dia, Judith, propõe que se acrescente o * à palavra trans – trans* - para que possa precisar o caráter de atravessamento que o termo sugere. Professor de línguas e literatura estadunidense, também identifica a masculinidade como uma construção, em um modelo específico que subordina os demais, por ele considerados como masculinidades alternativas, aquelas que são discriminadas na academia e sociedade como um todo. Se sob o nome “transgênero” cabem as pessoas que querem viver sob outro gênero, trans* se mostra em permanente transição, ultrapassa a classificação – asterisco, no mundo da pesquisa, é instrumento que substitui palavras desconhecidas, em um dado trecho de texto.

Paul Preciado (2021), filósofo espanhol, diz-se “monstro” para uma plateia de psicanalistas em solo francês, enfrentando a ideia moderna do saber, principalmente médico, onisciente e onipresente, que reputa anormalidade aos que não aderem aos seus modelos. Ataca a psicanálise e sua análise opressiva; a psiquiatria e seu desmando em diagnósticos e prescrições; quer saber qual lugar ele ocupa dentro de saberes conservadores – e se fosse ele o analista?

Com sua pena e observação sem fantasias, Preciado (2018) descreve a administração de testosterona que efetua em seu corpo, suas experiências sexuais e afetivas, conta que nasceu em 1970 e que durante muito tempo se sentia esquisito. Cria o termo “farmacopornográfico” para o período marcado pela pós-industrialização, globalizado e dominado pela mídia, revela o dildo como extensão do dedo sintética que

não somente propicia prazer, como também “identidade”; seu texto é mordaz e despudorado: em carne viva.

1.4 FRONTEIRAS, FISSURAS, RESISTÊNCIAS

Contudo, a trilogia de intelectuais trans, neste trabalho vista de forma pontual, mostra o quanto e quão efetivo foi o silenciamento de tantas vozes. Como as que estão em suspensão por habitarem as fronteiras também físicas, aquelas que separam países coloniais com aqueles que foram colonizados - as mulheres feministas do dito Sul Global, em linguagens inventivas, em poesias, memórias, pensamentos, querem dizer do lugar que habitam, e que as faz em forasteiras, em vidas em suspensão.

Gloria Anzaldúa (2005) tem voz de liderança no segmento do denominado “feminismo da diferença”, em que a interseccionalidade deixa claro que há necessidade de se ir além da diferença de gênero: mulheres negras, lésbicas, judias, chicanas, operárias também querem ter seu espaço, em que a fluidez tonaliza as relações sociais (COSTA; ÁVILA, 2005).

Ela viveu entre fronteiras, nascida no Texas, solo estadunidense, mas com legado mexicano enquanto filha de camponeses religiosos; Gloria traz a mistura de seus três legados, enquanto indígena/mexicana, estadunidense e espanhola, fruto do colonialismo, o que vem a gerar sentimentos de não pertencimento e de se reconhecer em permanente ambivalência. Denuncia que há opressão não somente entre mulheres e homens, mas também entre mulheres e mulheres, em que as brancas têm poderio de fala (LINO, 2014). A cultura branca ataca a indígena, a heteronorma ataca a lesbiandade, e é preciso recuperar o cuidado, a relacionalidade, a pluralidade, o sentido do coletivo, do território e da ecologia (VILLARREAL, 2022).

Fronteiras físicas e metafóricas, habitadas sob regimes de coerção - e há algumas décadas novos personagens surgiram por conta dos deslocamentos humanos que massivamente começaram a ocorrer em algumas áreas do mundo, decorrentes de guerras, pobreza, exploração de mão de obra, busca por novos horizontes, o que veio a gerar a área hoje denominada de Estudos de Migrações. Nela, também em plural, pois açambarca muitas e variadas vidas e suas motivações, pontos de partida e de dificuldades de chegada, além da categorização de “refugiado”, acrescentou-se o de “LGBTI”, ou seja, a presença de pessoas trans e travestis. Tal inserção aconteceu a partir da possibilidade de proteção

de direitos, via agenda internacional, para pessoas perseguidas por conta de sua sexualidade em seus países de origem (FRANÇA, 2022).

As pesquisas e etnografias realizadas em várias partes do mundo retratam as condições arbitrárias e cruéis em que a população de divergentes de sexo e gênero se encontra nas muitas fronteiras do planeta, descritas em muitos artigos (CAMMINGA; MARNELL, 2022). E é justamente dessas fragmentações que o novo pode surgir. Nem digo o novo, mas tudo o que permanecia à margem, nas sombras da sociedade, o que vinha de seus submundos, de seus interiores, começou a vir à tona pelas possibilidades fornecidas pelas fissuras. Com isso, as muitas formas de resistência e de agência possíveis ante condições insalubres e opressivas.

O conceito de “agência” é caro às Ciências Sociais, que norteia com esperança os que vivem sem legitimação, pertencimento, reconhecimento. Palavra que carrega grande complexidade por imbricar com cultura, já por si só termo com muitas interpretações; em poder; em uma teoria que exista na prática e que possa superar o estreito funcionalismo, que busca a aplicabilidade, não o sentido que as coisas possam ter (ORTNER, 2006).

Muitas foram as reflexões sobre o tema, algo que supera este trabalho. Mas creio ser de valia trazer o sociólogo Anthony Giddens que, ao criticar a impenetrabilidade do estruturalismo, com suas regras e normas, que concebe as coisas como invariáveis, sólidas, propõe o termo estruturacionismo, aqui resumidamente entendido como quando à estrutura se interporá a ação (agência). Entende que as pessoas têm a capacidade em realizar coisas, algo que as tornam poderosas no sentido de que sua ação produzirá um efeito. Ou seja, “a agência remete ao poder enquanto possibilidade de ação” (PEIXOTO, 2014, p. 96). Seu conceito será criticado, por estabelecer que a agência implica sempre em se ter a possibilidade de ação – se ela não é possível, não há agência. Bem como o de conceder ao humano uma gama mais extensa de liberdade, não tão sucumbida ao social – existe a brecha para que se tenha consciência, de que se saiba de si, daí a resistência, o espaço para se pensar sobre suas circunstâncias (ORTNER, 2006).

Em outras palavras, nada é absoluto, a sociedade se constitui pelos próprios humanos, também fraturados em suas subjetividades, fornecendo ao poder suas próprias características conflituosas, ambíguas, e que admitem contestação. A agência que nasce de situações de opressão e constrangimento, que se corporifica sob a interseccionalidade de opressões variadas, em experiências de vida diversas (RIVERA, 2024).

1.5 EMOÇÕES, VIVÊNCIAS, AGÊNCIAS

Agência, dessa forma, vai além da resistência, pois diz respeito não somente a negar sistemas de dominação, como por exemplo o da heteronorma; há que se reinventar em pessoas que sejam capazes de possuir intencionalidade vinda de seus desejos. Mas nada é simples, pois existem condições de tal precariedade que mesmo o próprio desejo se perde em meio a necessidades estritas de sobrevivência; em que o poder é exercido de forma soberana.

A antropóloga Saba Mahmood (2019) tem contribuição efetiva sobre o tema agência, já que sua pesquisa revela que as certezas que cercam o feminismo branco ocidental não podem ser aplicadas a outros tipos de vivências – no caso, mulheres muçulmanas religiosas. De origem paquistanesa, mas desde os vinte anos de idade vivendo nos Estados Unidos, em sua pesquisa mostrou que há necessidade de se abrir o entendimento a outros tipos de experiências e vivências que não as que são moldadas pelo liberalismo dos países ocidentais. Desse modo, o que pode parecer submissão das mulheres a determinados ditames pode não o ser: a liberdade apregoada pelo feminismo branco euro-estadunidense não faz sentido a quem se subjetivou sob religiões tradicionais (BUTLER, 2019). Neste caso, a agência é produzida com a ruptura a determinada ordem – as mulheres, quebrando a norma na qual os ensinamentos religiosos nas mesquitas somente são fornecidos aos homens, iniciam encontros nesses locais absolutamente masculinos. Mas, o que causa estranheza, é que propagam ensinamentos como a virtude feminina, associada à passividade, aparentemente reproduzindo a dominação. Mas Mahmood (2019) esclarece que não se trata do binômio resistência *versus* subordinação – agência passa a ser, também, a assunção de seus desejos e a capacidade para ir de encontro às suas realizações, ultrapassando obstáculos. Como também passividade, ou seja, agência é modalidade de ação, a capacidade para sobreviver em contextos desiguais e apesar das opressões – e isso pode implicar em apenas sobreviver.

Lila Abu-Lughod (2012), antropóloga palestina-americana com larga experiência em etnografia no mundo árabe, traz à discussão ponto de vista que vem a somar: por que ainda o diferente traz tanta estranheza? Em seu questionamento sobre se as mulheres muçulmanas realmente precisam da “salvação” euro-estadunidense, Lila traz agência em manifestações poéticas, orais, forma de presentificar na realidade o que não pode ser expresso em palavras comuns, dada as condições contextuais de lugares regidos pela religiosidade tradicional. O relativismo cultural, assim, novamente entra em questão, bem

como as limitações do conceito de cultura e o próprio essencialismo, ante tanta diversidade.

Da abertura para o nascimento de feminismos no plural, de teorias críticas que trouxeram suas especificidades até então ignoradas pela eleição de um só tipo personificando as figuras de “mulher”, até a identificação de emoções e sentimentos que se fazem em ação política. Em agência e transformação – e aqui entro na Antropologia das emoções, creditadas como sentimentos que são gerados pelos contextos sociais e culturais em que aconteceram, capazes de possibilitar movimentos de legitimação e pertencimento, configurando-se em movimentos micropolíticos. Dessa forma, amplia-se a sua dimensão para que sejam consideradas como práticas sociais, fora do modelo restritivo que somente as têm enquanto expressão da natureza humana (REZENDE; COELHO, 2010).

Sentimentos e emoções são estudos recentes nas Ciências Sociais, normalmente atados a pesquisas sobre parentalidade ou em sua forma crítica de contestação ao essencialismo presente nas teorias de então. A construção cultural das emoções, desse modo, em seu modelo relativista, permite o olhar ampliado tanto às formas relacionais entre pessoas como também às forças sociais, ideológicas, que regem esses contatos (ESTEBAN, 2007). Por meio da identificação de suas ações micropolíticas, “(...) uma capacidade de dramatizar, reforçar ou alterar as relações de poder, hierarquia ou status dos sujeitos que as sentem e/ou expressam.” (VICTORA; COELHO, 2019, p. 11), foi possível entender a construção de duas plataformas, a que associa emoções e sentimentos ao feminino e, complementar, a que faz do masculino o reino do racional. Assim, e por intermédio desse e de inúmeros mecanismos de subjugação, o grupo humano associado às emoções e sentimentos são os que não são tidos como racionais, quais sejam, mulheres, negros, indígenas e outras etnias etc. (BISPO; COELHO, 2019).

Bispo e Coelho (2019), apoiados em Catherine Lutz, uma das teóricas pioneiras que, a partir da década de 1980, nos Estados Unidos, começa a pensar as emoções enquanto objeto de estudo antropológico, esclarecem que o gênero está imiscuído em qualquer discurso que se faça a esse respeito. Considerando discurso enquanto conceito, Lutz, juntamente a Michelle Rosaldo e Lila Abu-Lughod, destacam o fato de que sentimentos e emoções são tonalizados pelos contextos sociais e culturais em que acontecem – daí a sua configuração de micropolítica. Em outras palavras, “(...) realçam os sentimentos como experiências sociais capazes de jogar luz nas vivências dos gêneros em sociedade e no exercício de suas sexualidades (p. 186)”.

Destaco a contribuição de Michelle Rosaldo, precocemente falecida em um acidente de carro, em 1981, intelectual estadunidense que realizou etnografia nas Filipinas, trazendo conceitos importantes para reflexão sobre gênero, de forma geral. Feminista associada à Segunda onda, dos anos 1960 até a década de 1980, em que a busca pelos direitos políticos foi acrescida a igualdade entre os sexos, Rosalvo desenvolveu o conceito de emoção corporificada, pois é a performatividade que atribui materialidade aos corpos. Da história singular e da corporeidade de cada um emergem os símbolos coletivos, que serão interpretados e moldados pela existência e os sentidos que faculta – “uma compreensão da individualidade requer uma compreensão da forma cultural; as análises do pensamento devem figurar centralmente nas análises do sentimento” (ROSALDO, 2019, p. 36).

Emoções, afetos, sentimentos que se corporificam em experiências subjetivas em suas dimensões, mas que, ao se relacionarem, podem vir a subverter o entendimento do humano baseado em uma cultura estática e generalista, a partir de uma visão parcial (BISPO; COELHO, 2019). Apreendidos pelas categorias do discurso, pelas formas de linguagem, são performances comunicativas que vão além da comunicação em si, já que criam idiomas próprios, mas não ausentes das impregnações simbólicas contextualizadas socialmente (DUARTE; MARTÍNEZ-MORENO, 2020).

2 LETÍCIA LANZA E EMOÇÕES: ESCRITAS DE SI

O preâmbulo foi extenso, embora parcial, em face a inúmeras teorias e reflexões realizadas por tanta gente ao longo das últimas décadas, mas foi necessário pavimentar este caminho para dizer de Letícia, brasileira, branca e de classe média, mas que viveu entre fronteiras existenciais, entre deslocamentos não-físicos, mas de gênero. De sua corporeidade tantos anos encoberta pelo medo de ser quem desejava ser; de suas emoções, constritivas e autorrealizadoras, do caminho difícil que percorreu. Mas que hoje a faz na pessoa que é – nem se diz mais “transgênera” e, sim, que é quem quis ser. Que os outros a nomeiem.

Via gramática dos sentimentos, debruço-me sobre suas emoções narradas, suas experiências, seus afetos e dores, vida que se faz no dia a dia, na cotidianidade que precisa ser enfrentada pelos dissidentes de gênero, dada a sociedade transfóbica em que se vive. Dessa forma, talvez se possa, cada vez mais, encontrar chaves para elucidar aspectos macrossociais e, quem sabe, ter-se sociedade diversa e inclusa (MAIA, 2002, p. 60).

Sabe-se que autobiografias nem sempre são relatos vividos, as experiências se enovelam com o passar do tempo, surgem lembranças que permanecem, outras se desvanecem, figura que se sobrepõe ao fundo e vice-versa. No âmbito da literatura não-ficcional, reconhece-se a abertura para os relatos de si – entre eles, ressalto as produções de pessoas trans e travestis, fonte de descrição de experiências que confrontam o modelo binário, cisgênero e heterossexual de vivenciar a sexualidade.

Este trabalho cumpre apenas a utilização de material autobiográfico sem, contudo, empreender análise a respeito do fenômeno editorial “autobiografias”, como fez de forma competente Luiza Ferreira Lima (2022), em tese de doutorado sobre produções brasileiras e estadunidenses. O que acredito ser importante ressaltar é que autobiografias podem ser expressões inventivas de se ver a si mesmo, maneira de recontar histórias e entendê-las de outras maneiras - o que vêm a constituir um saber singular, de mãos dadas com o conhecimento que tem sido amealhado pelos que contestam as normas. Sabe-se que é um “modelo oficial da apresentação social de mesmo”, como bem pontua Bourdieu (2006), a reafirmação de fatos em sequências que nem sempre aconteceram sob a causalidade; ao mesmo tempo, traz a vida que foi vivida e assim vivenciada – e de como foi percebida por quem a viveu.

Letícia Lanz tem 72 anos de idade, é psicanalista, pensadora e poeta. Em sua formação aparecem a graduação em Ciências Econômicas (UFMG), com mestrados em Administração de empresas (UFMG) e Sociologia (UFPR), com especialização em Gênero e Sexualidade (UERJ). Durante mais de trinta anos atuou como consultora em Recursos Humanos, tendo conquistado reputação por sua competência e ótima situação econômica, inclusive com viagens ao exterior.

Sua autobiografia, embora não muito extensa em páginas, com linguagem clara e acessível traz, contudo, uma multidão de sentimentos – durante grande parte de sua vida, emoções que diziam respeito a medo, vergonha, humilhação, desprezo. A partir da segunda metade de sua trajetória, quando então pode dizer de si, ao deixar nascer Letícia com todo o sentido que o nome traz – Letícia quer dizer alegria -, retrata contentamento, segurança, pertencimento.

Letícia também é Geraldo – em seu depoimento no documentário em que me sensibilizou, diz-se uma mulher com pênis. Até mesmo atende pelos dois prenomes, embora goste mais de ser chamada pelo feminino.

A história de vida de Letícia não é padrão entre o mundo dos dissidentes de gênero. Muitos ainda se confrontam com o preconceito e a ignorância muito cedo, são expulsos

de casa, o acesso e a permanência nos estudos se revelam cruéis, bem como à inserção no mercado de trabalho, além das vicissitudes sociais. Letícia teve outra trajetória, em que encontrou também muito sofrimento – e, como bem disse Lorde (2019), as opressões, e as emoções que provocam, não podem ser hierarquizadas.

Nascida no conservador e católico ambiente do interior de Minas Gerais, família de classe média-baixa, Letícia, então Geraldo, somente na infância se permitiu a brincar com roupas e adereços femininos. Quando pega, era considerada culpada e humilhada – como quando quis experimentar o maiô de sua mãe. Surpreendida, foi trancada no quarto até seu pai chegar e vê-la, “essa belezura”, como disse a mãe (2021, p. 33).

Deu-se o mesmo quando ganhou da avó materna, figura simples de origem rural, uma espalhafatosa boneca de papel – embora a contragosto, ninguém se arvorou a tirá-la de suas mãos. Mas, na tentativa de limpá-la, Letícia a lavou – e a desintegrou. Até hoje considera que foi o presente mais especial que já ganhou. Sua avó a percebia sob o sensível.

Seu contentamento vinha quando podia usar, nas procissões, as longas saias que lhe eram concedidas por ser coroinha. Mas a igreja católica, em si, era considerada “como um carrasco em minha autorepressão” (2021, p. 31). E isso porque tentava cumprir à risca o que lhe era determinado para corresponder ao masculino de seu nome - as manifestações infantis ligadas ao feminino lhe marcaram, tanto no ambiente doméstico quanto na escola.

Foucault (1999) vai dizer que o poder se imiscui em tudo e, assim, vai tonalizando todos os componentes do mundo, institucionais e particulares, públicos e privados – os ritos católicos, como a confissão, diz ele, foi um dos dispositivos usados para a repressão sexual ser exercida de forma eficaz.

2.1 VIDA QUE SE FAZ NA TRANSFORMAÇÃO DAS EMOÇÕES

Como muitas histórias, hoje já se sabe o quão traumático pode vir a ser a socialização de crianças. Como Butler (2003) tão bem apontou, gênero é performado repetida e incansavelmente pelos dispositivos contidos na cultura – não há laçarotes cor-de-rosa como enfeite em porta de maternidade em que nasceu criança identificada como menino. Ou seja, na infância de Letícia, não ser um homenzinho com força, bravura, intrepidez, era ser categorizado de “maricas”, “mulherzinha”, “florzinha”. Sentimentos de não inserção, de não pertencimentos, de inadequação trazem a marca daquele que é

estranho, esquisito, diferente – o *queer*. Letícia se sentia uma criança má por não agradar ao que seu pai queria de si; hoje ela sabe que o sentimento era de culpa.

Excelente aluna, este era o único qualificativo que agradava ao pai, homem frustrado por não ter tido acesso à educação – ele até costumava elogiar a filha, no masculino, para os amigos. Mas dizia que “ser viado era o pior vício, pecado e crime que um macho podia cometer” (LANZ, 2021, p. 28), embora tivesse atitude diferenciada à época, já que dividia as tarefas domésticas com a esposa, por exemplo, numa quebra de papéis de gênero. E se revelava sensível, conversava, era mais disponível do que a mãe, essa sim, figura enérgica, dona de casa que se esmerava para ter lar e filhos limpos. Mãe que não dava colo e que, décadas depois, confessou não ter desejado nem casar nem ter tido filhos. Mais uma das mulheres que responderam à sua época e não ao seu desejo, com dificuldades de constituir-se autonomamente e de forma independente em uma sociedade misógina e machista. Cumprindo a heterossexualidade compulsória (RICH, 2012).

Letícia era a primogênita – depois dela nasceu uma menina que morreu ainda bebê e, em sequência, quatro filhos homens, mas eles não entraram em sua história de vida. Não aparecem relações de amizade, somente uma namorada que lhe trouxe desilusão.

Aqui e ali, menciona como gostava de se vestir de mulher, sempre às escondidas, premida pelo medo de ser descoberta e de ter seu segredo revelado – sentimento que a habitou por décadas.

Enfrentou o estranhamento de sentir seu corpo se transformando, como quando, aos 12 anos, começaram a lhe nascer pelos; queria muito se expressar como mulher, porém estranhava não ter interesse em homens.

Como era praxe na sociedade machista de então, o pai a ameaçava de lhe levar em um prostíbulo. Um dia lhe deu um tratamento de choque: levou Letícia/Geraldo para uma das esquinas da cidade em que moravam, apontou para uma mulher e uma travesti, ambas profissionais do sexo e perguntou: “É isso o que você quer ser?”

Revela Letícia que foi “um golpe de mestre”, pois lhe gerou um medo atroz, justamente de ser quem desejava ser, o que a fez se afastar por quatro anos de qualquer contato com sua feminilidade e os apetrechos atinentes ao gênero feminino.

Chegou a ter – e se desfazer – de compras de roupas e adereços femininos, como quando, por certo tempo, morou no Rio de Janeiro e enfim pode ser quem queria ser.

Letícia traz alguns acontecimentos inesperados que deflagraram mudanças em si mesma, o primeiro deles quando seu pai sofreu um acidente e necessitou ser

hospitalizado. Depois de algum tempo, ele recebeu a visita de sua outra família – mantida há 25 anos em segredo. Ela mesma nomeia a sensação que sentiu: “descompressão psíquica” (LANZ, 2021, p. 39). O pai ostentava a posição de moral ilibada; vê-lo em falha a fez se reconhecer de outra maneira, reposicionar-se e, conseqüentemente, colocar a figura paterna em outro lugar. Bastaram poucos meses para que ela novamente montasse um guarda-roupa feminino.

Porém, Letícia, então Geraldo, namorava mulheres – e assim conheceu Angela. A relação, diz Letícia, foi construída, plantada, convivência que hoje atingiu os 44 anos de conjugalidade.

Angela se casou com Letícia/Geraldo, que queria muito ter uma família, constituir um lar com filhos, embora tenha ficado indecisa e quase rompido o noivado – quando contou ao seu pai que tinha medo de que aparecesse novamente esse seu outro lado, recebeu a resposta, fundamental, eu diria, de que Angela lhe tinha gostar e que isso nunca terminaria. Letícia/Geraldo aceitou a orientação paterna, casou-se e, ao longo dos anos, o casal teve filhos – dois meninos e uma menina. Mulher despojada, Angela permitiu que Letícia fosse, aos poucos, soltando-se em sua feminilidade, enquanto ela mesma não ligava para isso.

Por quase vinte anos, Letícia se satisfazia com pequenas transgressões, como a de se depilar no corpo todo – e sentir muito prazer em fazer sexo com Angela dessa forma.

Uma fatalidade deflagrou nova agência em Letícia: a morte do único irmão de Angela, com dezenove anos, em acidente de moto. “Em mim fez despertar a lembrança dura e cruel dos projetos de vida que eu estava deixando na beira da estrada” (LANZ, 2021, p. 64).

Aproveitou a ausência da esposa e da filha, em viagem à sogra, e novamente se travestiu, tentando enfrentar os medos e frustrações que a morte do jovem lhe gerou.

Emoções aflitivas a tomaram quando se renunciava a volta da esposa. Sentiu-se duplamente perversa, por querer ser mulher e lésbica. Mas, paulatinamente, cedeu ao desejo: começou a ter cabelos compridos, colocou vários *piercings* no corpo, consumia revistas com pessoas trans para ver como elas eram, como se vestiam...

Cada vez que eu pensava nisso sentia meu mundo interno desmoronar. Como eu poderia me identificar com uma travesti? Como um chefe de família responsável, um marido atento e carinhoso, um pai totalmente dedicado à família, podia querer ser justamente uma personagem tão marginal na sociedade, cujo próprio corpo transgredia toda a ordem vigente? O que seria da minha reputação, construída ao longo de tantos anos para me afirmar como pessoa e como profissional? (LANZ, 2021, p. 66).

2.2 AS RESSONÂNCIAS DOS ESTUDOS DE GÊNERO E TRANS

Os anos 2000 lhe são definitivos pela entrada da internet – e Leticia vai à cata de informações sobre si mesma, ainda em seu caminho masculino, vez ou outra acedendo ao desejo de ser mulher, fazendo uso de adereços femininos – saltos altos, vestidos, maquiagem. E é assim que ela chega em Butler (2003) e suas reflexões sobre gênero, reconhecendo-se em uma forma transgressora da sexualidade. Entendeu sobre construções sociais, o poder que se engendra e que modula comportamentos e maneiras de ser, umas mais aceitáveis do que outras. Mergulhou de cabeça nessa literatura.

Descobriu escritos de pessoas trans; viu que ela era somente uma pessoa comum, nada a ver com perversão, loucura, degeneração. Esclareceu-se – e foi em busca desse encontro consigo mesma.

Começou a frequentar clubes de *crossdressers* destinados a homens heterossexuais e casados, que gostavam de se travestir, e o faziam acompanhados de suas famílias. Mas Leticia se martirizava com a possibilidade de ser descoberta, inclusive por Angela; temia a destruição de sua família.

Brigas, saídas de casa, não foi fácil o momento desse confronto. Mas Angela a inquiriu, obtendo a resposta de Leticia de que sim, gostava de se vestir de mulher.

Angela naturalizou a situação – “É só isso?” -, tendo acolhido a fala de Leticia e, a partir daí, começou a acompanhá-la nos encontros de *crossdresser*, participou de seu batismo, como é chamado, de Leticia Lanz. Mas essa transformação não passou imune, pois cada vez mais Geraldo se desvanecia em um corpo de mulher, já nesse momento, com seios, escondidos socialmente com faixas (*binder*).

Leticia vivencia, na carne e em seus sentimentos e emoções, todo o conhecimento que obtivera, apreende o feminismo, aprende a se feminizar, gramática que, a princípio, é difícil de ser praticada – ser mulher (ou homem) requer aprendizado, o que serve e o que desagrada, o que favorece, vestimentas e gestuais.

O preço foi alto: Leticia perdeu todos os seus clientes e amigos; como havia se profissionalizado como psicanalista, viu-se sustentada por seu atendimento. Seus filhos sabiam de seu desejo de assumir outro gênero, mas não que o processo de hormonização já havia sido iniciado, por conta própria, pois ela tinha receio de que seu desejo não fosse respeitado pelo endocrinologista, ou que houvesse despreparo em seu atendimento.

Leticia experencia a hegemonia da heteronorma, de como o público desautoriza ações que, no privado, são possíveis de acontecer sem destaque. Bem como a importância

das emoções enquanto força micropolítica que faz uso do poder para exercer normatividades diversas, deixando ao largo da sociedade os corpos que não se adequam ao solicitado – no caso, o de trans e travestis.

Mas, como ela bem diz, seu coração não suportou tanta pressão – Letícia enfarta aos 50 anos, acorda em uma UTI, vê-se figura comentada por todos da equipe médica, por ter seios e chamar Geraldo. Eis o terceiro acontecimento que gera agência em sua vida: Letícia passa a ser exclusiva, mulher criada por si, enfim liberta. Importante é que reconhece que sua vida, até ali, havia sido miserável.

O livro não faz referências aos seus estudos acadêmicos, mas creio ser importante informar que Letícia em seu mestrado apoiou-se em estudos de gênero, feminismo e estudos trans. Sua dissertação, sob o título “O corpo da roupa. A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero”, defendida em 2014, em que mostra sua apropriação ao tema, além de deixar clara a sua posição em relação a ele. Letícia se vê como uma transgressora. E encara gênero como uma grande farsa coletiva (2021, p. 68).

Graças aos estudos de gênero e aos estudos transgêneros, vertente criada a partir do feminismo, passei a me orgulhar de ser uma pessoa transgênera. De ser alguém perfeitamente normal que, por conveniência da ordem sociopolítica e econômica, a sociedade havia demonizado, me fazendo sentir não apenas doente e degenerada, mas também envergonhada e aterrorizada, sem forças para reivindicar o direito de me travestir e de me expressar publicamente como mulher (LANZ, 2021, p.69).

Hoje Letícia profere palestras, cursos e escreve livros, tendo sido candidata à prefeitura de Curitiba em 2020, via PSOL. É blogueira: mantém desde 2006 o “Arquivo Transgênero”, com informações e textos de sua autoria. Permanece com Angela e, além dos filhos, agora tem netos.

Seu pai faleceu; seus reencontros com a mãe, depois de mais de dez anos sem se encontrarem, foram mediados por Angela, que descobriu que a sogra não guardava lembrança alguma de ser Letícia diferente. Porém, em um desses encontros, a mãe lhe criticou o batom, que era muito vermelho. Letícia aquiesceu e, pouco tempo depois, já com um batom de cor mais suave, novamente recebeu o comentário da mãe de que ainda estava muito forte. Letícia, já conseguindo fazer humor da situação, algo que denota os muitos anos de análise que empreendeu, considera que a mãe gostaria de que ela, no máximo, passasse uma manteiga de cacau bem pálida...

2.3 AÇÕES, EMOÇÕES, BRECHAS E AGÊNCIAS

A opressão foi o sentimento que habitou Letícia durante os anos em que permaneceu escondida de si mesma. Porém, orgulho é o que sentiu ao se reconhecer como é: esse é o sentimento por transgredir o que diz ser uma farsa: o constructo “gênero”. Um antes e um depois.

Na dedicatória que faz, com somente um parágrafo, já se antecipa o vulcão de sentimentos e emoções que Letícia abrigou durante sua vida. Nela encontramos as palavras apoio, acolhimento, carinho e compreensão, seguidas de menosprezo, ofensa, repúdio e humilhação – universo de sentimentos contraditórios, conflituosos e difíceis de serem suportados.

A escrita de Letícia traz, sem esconderijos, os muitos e difíceis sentimentos que abrigou durante quase cinquenta anos de vida, a começar pelo medo de se ver descoberta, vergonha em se sentir, por vezes, uma fraude; culpa por não se sentir adequada, a corresponder a modelos sociais inequívocos, como os condizentes aos de homem e mulher. Sentia-se impotente por, justamente, não entender os motivos que a faziam ser a criança diferente que era – e não conseguir se reconhecer no que era “normal”.

Sua história se assemelha a de Connell (2012), porém a australiana aguardou até a morte da esposa e o crescimento da filha para poder se assumir como mulher, embora o tenha feito sem rupturas com sua prática profissional. Histórias em espaços tão distintos, mas que mostram o poder inibitório dos costumes, diariamente reproduzidos em seu anacronismo nas conversas informais, nos ditos considerados espirituosos, nas piadas vexatórias.

Ter entendido que não havia nascido em um corpo errado, frase de uso corrente e muito inapropriada, porque remete à concordância entre sexo e gênero, como se somente assim existisse legitimação da sexualidade, foi de vital importância para Letícia. Havia nascido na sociedade errada (2021, p 23).

Se, como Mahmood (2019) pontuou, por vezes a agência é a de conseguir, mesmo ante obstáculo, agir de forma a ir de encontro ao que se quer, Letícia escolheu seguir o caminho da convencionalidade – não ter tido pertencimento, além de tudo, pode lhe ter despertado o desejo de construir a sua família. Mas foi o que lhe permitiu estudar e ter profissão com alta inserção social, facilitou o seu acesso a conhecer outras pessoas, a ter espaços de individualidade para se experimentar. Aqui e ali, permitiu-se a se descobrir, embora sempre enovelada em emoções que comprometiam a qualidade de sua autoestima,

como a de sentir uma farsa. Não menciona a palavra “agência”, mas sua ação visou liberdade, autonomia, satisfação de desejos que, mesmo constricta ante situações estruturadas, como a de um casamento heterossexual com filhos, nasceu de brechas possíveis.

A se pensar nas emoções e nos sentimentos enquanto manifestações que foram naturalizadas, padronizadas e entendidas somente em suas singularidades, sem as considerar como fundamentais em seus papeis políticos e sociais, consegue se dimensionar o quão urgente se faz a ampliação de tal perspectiva. Na emoção de um se esconde a emoção de muitos, ou seja, a expressão individualizada também diz dos laços sociais aos quais se pertence, e de como eles são produzidos e reproduzidos – e permanecem modelares. Desse modo, e de algum jeito, a vitimização e culpabilização podem vir a gerar atos que demonstrem a agência da pessoa sobre seu próprio sofrimento, estendendo-o aos que com ela se identificam.

A compreensão de que o discurso emocional, enquanto discurso, ou seja, prática, é construído e pertinente ao seu tempo e espaço, é uma forma de ação social que afeta as pessoas, até mesmo criando oportunidade de que haja reconstrução social. Emoções são ações e são corporificadas, como queria Rosaldo (2019). E, em plena maturidade, Letícia resolve ter outra expressão, cobre seu masculino sem, contudo, fazê-lo desaparecer, enquanto o que se pode chamar de integração emocional de suas ambiguidades.

Letícia, nela mesma, mostra a brecha para a transformação ou a constatação foucaultiana de que, mesmo sob severa repressão e controle emocional, o olhar comprido para as vitrines com adereços femininos, aqui e ali, manifestava o desejo a criar fissuras para que pudesse ser satisfeito.

Mas esclarece que nada disso teria sido possível sem o amor de Angela, a mulher com quem vive há tantas décadas, que suportou suas crises depressivas, suas angústias em não se sentir representada pela expressão de gênero que a marcava.

Letícia transgrediu seu gênero e sua orientação sexual, pois é lésbica; teve filhos e não se incomoda quando o neto lhe chama de “avô”, pois a avó é a Angela.

Suas vivências vieram da opressão, talvez uma condição humana, sempre se está em busca de quem se quer ser, e o tempo propicia que se reaja ao que ele apresenta. Assim fez Letícia em sua virada de vida, coragem para ser agente de sua busca e descoberta.

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?: reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. **Rev. Estud. Fem.**, vol. 20, no. 2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006> Acesso em: 09 jul 2024.

ANZALDÚA, Gloria. La consciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Rev. Estud. Fem.**, vol 13, no. 3, 2005, p. 704-719. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300015> Acesso em: 07 jul 2024.

BISPO, R.; COELHO, M. C. Emoções, gênero e sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. **Cadernos de campo**, v. 28, no. 2, p. 186-197, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v28i2p186-197 Acesso em: 06 jul 2024.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaina; PORELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 2006, p. 183-191. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1438> Acesso em: 08 jul 2024.

BUTLER, Judith. **El Deseo como Filosofía**. [Entrevista concedida a] Regina Michalik. Lolapress, [S.l.: s.n.], 2001. Disponível em https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-94362006000100276 Acesso em: 06 jul 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Obituário: Saba Mahmood – um trabalho pioneiro na batalha das ideias. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 36, p. 143-146, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.99955> Acesso em: 07 jul 2024.

CAMMINGA, B.; MARNELL, John. **Queer & Trans African Mobilities**. New York: Zed Books, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução: Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

CONNELL, R. Transsexual women and feminist thought: toward new understanding and new politics. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. 37, no 4, p. 857-881, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/664478> Acesso em: 07 jul 24.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, vol. 21, no.1, p 241-282, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014> Acesso em: 07 jul 24

COSTA, Claudia de L.; ÁVILA, Eliane. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005, p 691-703. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300014> Acesso em: 07 jul 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*, 1989, p. 538–554 Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf> Acesso em: 08 jul 2024.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Betty Friedan: morre a feminista que estremeceu a América. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2006000100015>. Acesso em: 06 jul 2024.

DUARTE, L. F. D.; MARTÍNEZ-MORENO, M. J. A psicanálise na ‘antropologia da emoção’. In: FUCKS, B. B.; RUDGE, A. M. (Orgs.). **Psicanálise & Antropologia: enfoques interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Universidade Vega da Almeida CAPES, 2020.

ESTEBAN, M. L. Algunas ideas para una antropología del amor. *Ankulegi*, v. 11, p. 71-85, 2007. Disponível em: <http://www.Ankulegi-07-Esteban.pdf> (congresonacionaldepsicoterapi a.es). Acesso em: 06 jul 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Raquel Camargo; Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13ª ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRANÇA, Isadora Lins. Refugiados LGBTI no Brasil: categorias, sujeitos e diferenças. *Antropolítica*, 2023. <https://doi.org/10.22409/antropolitica.i.a56468> Acesso em: 06 jul 2024.

GOFFMAN, Irving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

HALBERSTAM, J. **El arte queer del fracasso**. Barcelona, Madrid: Egales Editorial, 2011.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 11-28.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa**. A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/36800> Acesso em: 09 jul 2024.

LANZ, Leticia. **A construção de mim mesma**. Uma história de transição de gênero. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-155.

LIMA, LUIZA F. **Trânsitos em texto**: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07102022-095544/publico/2022_LuizaFerreiraLima_VCorrig.pdf Acesso em: 08 jul 2024.

LINO, TAYANE R. **O lócus enunciativo do sujeito subalterno**: uma análise da produção científica de bell hooks e Gloria Anzaldúa. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-AAXFWU> Acesso em: 08 jul 2024.

LORDE, Audre G. Não há hierarquias de opressão. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 235.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**, vol. 23, no. 1, 2019, p. 135-175. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431> Acesso em: 07 jul 2024.

MAIA, G. F. de. A gramática das emoções no processo de reconhecimento das demandas da população trans. **RBSE, Revista Brasileira de Sociologia da Emoção/GREM**,

Universidade Federal da Paraíba, v. 16, no. 48, p. 59-74, 2002. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/rbse/MaiaArt.pdf Acesso em: 06 jul 2024.

MANALANSAN IV, Martin F. Queer intersections: sexuality and gender in migration studies. **The International Migration Review**, vol. 40, no. 1, 2006, p. 224-249. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1747-7379.2006.00009.x> Acesso: 08 jul 2024.

MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300002>. Acesso em: 08 jul 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Fundação Oswaldo Cruz. **O vírus da Aids, 20 anos depois**. <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html> Acesso em: 06 jul 2024.

ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: Grossi, M. P.; Eckert, C.; Fry, P. H. (Org.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006. Disponível em: https://www.abant.org.br/files/43_00148764.pdf Acesso em: 07 jul 2024.

ORTNER, Sherry B. Dark anthropology and its others: Theory since the eighties. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, vol. 6, no. 1, 2016, p. 47-73.

PEIXOTO, Maria Angélica. Estrutura e agência em Anthony Giddens. Uma análise crítica do estruturacionismo, **Revista Sociologia em Rede**, 4(4), 2014. <https://redelp.net/index.php/rsr/article/view/1155> Acesso em: 06 jul 2024.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis & Vertecchia, 2009. p. 118-146. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1524> Acesso em: 06 jul 2024.

PRECIADO, Paul. **Testojunkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução: Maria Paula G. Ribeiro. N-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul. Eu sou o monstro que vos fala. Tradução: Sara Wagner York. **Cadernos PET Filosofia**, Curitiba, v.22, n.1, 2021, pp. 278-331. <http://dx.doi.org/10.5380/pet.lo.v22i1.88248> Acesso: 07 jul 2024.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012, p.17-44.

RIVERA, Maria José Garzón. **Agencia de la diáspora queer-trans* latinoamericana en Berlin**. Dissertação (Mestrado), Freie Universität, Berlin, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17169/refubium-42813> Acesso em: 07 jul 2024.

ROSALDO, Michele Z. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE, Rev. Bras. Sociol. da Emoção**, v. 18, n. 54, p. 31-49, 2019. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf Acesso em: 10 jul 2024.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2017, p. 9-62.

SANTOS, Ana Cristina. Introdução. In: SANTOS, Ana Cristina (dir.). Estudos queer: identidades, contextos e acção colectiva. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 76, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/rccs.807>, p 3- Acesso em: 07 jul 24.

SEIDMAN, Steve. **Queer theory/Sociology**. Cambridge, Mass: Blackwell, 1996.

SILVA, Ruan Nunes. Desfazendo os desesperançosos mapas heteronormativos do presente com Mattilda Bernstein Sycamore. **Ilha do desterro**, v. 76, nº 2, p. 039-055, Florianópolis, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2023.e92512> Acesso em: 07 jul 2024.

TORRÃO FILHO, Amilcar. **Tribades galantes, fanchonos militantes**. Homossexuais que fizeram história. São Paulo: Summus, 2000.

VERGUEIRO, V. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685> Acesso em: 06 jul 2024.

VICTORA, C.; COELHO, M. C. A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão. **Horiz. Antropol.**, 25(54), 2019, o. 7-21. Disponível em: 10.1590/S0104-71832019000200001 Acesso em: 06 jul 2024.

VILLARREAL, Lina Alvarez. **Feminismos do Sul: uma política relacional em vista do bem comum**. Entrevista especial dom Lina Alvarez Villarreal. Tradução: Patricia Facchin. 02 dez 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/624461-feminismos-do-sul-uma-politica-relacional-em-vista-do-bem-comum-entrevista-especial-com-lina-alvarez-villarreal> Acesso em: 07 jul 2024.